

O CANDOMBLÉ E AS EMOÇÕES: ÌGBÈJÍ O ORIXÁ DA ALEGRIA

Alvicleide Caetano da Silva¹; Dilaine Soares Sampaio²

Universidade Federal da Paraíba-UFPB, caetanosilva.iel@gmail.com; Universidade Federal da Paraíba-UFPB, dicaufpb@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem como foco principal pensar a relação existente entre as emoções e as religiões de matrizes africanas, particularmente, a percepção das emoções através dos arquétipos de suas divindades, que no âmbito do Candomblé, particularmente as “nações” vinculadas a tradição iorubá, são denominadas orixás. A perspectiva de correlação entre as emoções e os orixás está fundamentada em uma interação entre o divino e humano nas religiões afro-brasileiras. Os *itãs* (conjunto de mitos e histórias passadas de geração a geração pelos povos africanos) são lugares privilegiados para compreendermos como o universo das emoções aparecem nas religiões de matrizes africanas. Além disso, os adeptos do candomblé trazem uma relação muito forte com as suas divindades individuais, ou seja, com os orixás que “regem a cabeça” como se afirma no cotidiano da religião, trazendo uma identidade baseada na personalidade de seu orixá, fazendo uma dinâmica entre divindades, emoções, arquétipos e os adeptos. Partindo do pressuposto que os terreiros são espaços de ensino-aprendizagem e que toda a vivência emocional dos filhos e filhas de santo é pautada, de alguma forma, pelo arquétipo dos orixás, entendemos que a leitura da mitologia dos orixás e, conseqüentemente, do cotidiano das religiões afro-brasileiras a partir da perspectiva da Educação Emocional, pode auxiliar tanto na compreensão da relação dos adeptos com seus orixás e com a comunidade religiosa a qual pertencem quanto pode ser uma via de potencialização e regulação das emoções. Ousamos aqui a pensar que as emoções que aparecem na mitologia dos orixás podem ter uma dimensão pedagógica para os adeptos, funcionando como instrumento de empoderamento, uma vez que as religiões afro-brasileiras ainda possuem, majoritariamente, adeptos pertencentes as camadas menos abastadas de nossa sociedade. Diante do exposto, abordaremos neste trabalho as dimensões comportamentais e cognitivas, buscando explorar a emoção da alegria, emoção essa predominante do orixá Ìgbéjì.

PALAVRA-CHAVE: Emoções, Arquétipos, Alegria, Candomblé.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como principal objetivo pensar a relação existente entre as emoções e as religiões de matrizes africanas, particularmente, a percepção das emoções através dos arquétipos de suas divindades, que no âmbito do Candomblé, particularmente as “nações”³ vinculadas a tradição iorubá, são denominadas orixás. A perspectiva de correlação entre as emoções e os orixás está fundamentada em uma interação entre o divino e humano nas religiões afro-brasileiras, uma vez que o corpo humano é receptáculo do divino e, por outro lado, as divindades possuem inúmeras características próprias do humano. Os *itãs*,

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões.

² Professora adjunta do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões.

³ O termo nações, como aqui está empregado, deve ser entendido como “modelo ritual”, ou seja, a palavra sofre um deslizamento semântico nesse campo de estudos, deixando de restringir-se a perspectiva política e geográfica.

nome pelo qual é conhecido o conjunto de mitos e histórias passadas de geração a geração pelos povos africanos, são lugares privilegiados para compreendermos como o universo das emoções aparecem nas religiões de matrizes africanas. Além disso, os adeptos do candomblé trazem uma relação muito forte com as suas divindades individuais, ou seja, com os orixás que “regem a cabeça” como se afirma no cotidiano da religião, trazendo uma identidade baseada na personalidade de seu orixá, fazendo uma dinâmica entre divindades, emoções, arquétipos e os adeptos. Partindo do pressuposto que os terreiros são espaços de ensino-aprendizagem e que toda a vivência emocional dos filhos e filhas de santo é pautada, de alguma forma, pelo arquétipo dos orixás, entendemos que a leitura da mitologia dos orixás e, conseqüentemente, do cotidiano das religiões afro-brasileiras a partir da perspectiva da Educação Emocional, pode auxiliar tanto na compreensão da relação dos adeptos com seus orixás e com a comunidade religiosa a qual pertencem quanto pode ser uma via de potencialização e regulação das emoções. Ousamos aqui a pensar que as emoções encontradas na mitologia dos orixás podem ter uma dimensão pedagógica para os adeptos, funcionando como instrumento de empoderamento, uma vez que as religiões afro-brasileiras ainda possuem, majoritariamente, adeptos pertencentes às camadas menos abastadas de nossa sociedade.

A construção desse trabalho oferecerá uma acessibilidade e um entendimento maior sobre a educação emocional e o Candomblé, transitando pelo conceito de emoção e pensando formas de lidar com as emoções dentro de um arquétipo e individualização do ser dentro do Candomblé, além de caracterizar emoções individuais e específicas de um orixá e a influência da personalidade acarretada por ser parte dessa divindade. Esta ligação entre o divino e o humano possibilita uma construção e um entendimento melhor das emoções e de como educá-las.

Gonsalves (2015, p.38) destaca que a emoção é o complemento de uma movimentação que interage nas relações humanas, para que as emoções atuem em diferentes ações e momentos, potencializando o significado cognitivo e comportamental humano. Desta forma, este trabalho objetiva entender as relações entre o orixá *Ìgbéjì* e as emoções, buscando explorar particularmente a emoção da alegria, emoção predominante do orixá *Ìgbéjì*, tomando como base a noção de junguiana de “arquétipo”⁴, entendido nesse contexto como um conjunto

⁴ Já temos alguns trabalhos desenvolvidos nesta direção. Além do clássico de Pierre Verger, intitulado *Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo*, cabe destacar aqui o de Rita Laura Segato, “Santos e Daimones” bem como o de José Jorge de Moraes Zacharias, “Ori axé: a dimensão arquetípica dos orixás”.

de características influenciadoras da personalidade e das emoções dos “filhos”, ou seja, adeptos já iniciados deste orixá.

O embasamento teórico será construído pela literatura antropológica acerca do Candomblé, especialmente os autores que pensaram a questão dos orixás e seus arquétipos como Verger, Prandi, Bastide, dentre outros. Entretanto, na tentativa de compreender a emoção predominante do orixá *Ìgbéjì* e da personalidade humana (filhos de *Ìgbéjì*), buscaremos interlocução com as reflexões de alguns autores que operam diretamente com a temática da Educação Emocional, como Possebon, Davidoff, Gonsalves, Maturana, dentre outros.

Nosso texto está estruturado da seguinte forma. Num primeiro momento iremos mostrar a relação entre candomblé, mitos e orixás para que se possa contextualizar o orixá *Ìgbéjì*. Posteriormente, iremos tratar do conceito de emoção para em seguida, no terceiro momento, mostrarmos a relação entre a emoção da alegria e *Ìgbéjì*. Neste momento, será inevitável trazer também a questão dos *erês* e como se distingue dos *Ibejis*. Na última parte do texto, iremos cuidar brevemente da questão do arquétipo dos orixás, particularmente de *Ìgbéjì* e sua relação com a personalidade humana.

1. CANDOMBLÉ, MITOS E ORIXÁS

A palavra candomblé não tem sua etimologia plenamente estabelecida, todavia, acredita-se que “a raiz do termo está certamente no elemento banto *ndombe*, negro”, a partir do quimbundo: *kiandombe*; e do quicongo e umbundo: *ndombe* (LOPES, 2012, p.72). As várias significações apontam para uma modificação fonética de “Candombe”, que inicialmente nomeia uma dança de rua de origem africana. um tipo de atabaque usado pelos negros de Angola (LOPES, 2011, p.167-168). Atualmente denomina as religiões afro-brasileiras que cultuam os orixás iorubanos, voduns daomeanos ou inquices bantos, estendendo-se também aos locais de culto ou as festas que são realizadas (LOPES, 2012, p.72).

Os orixás seriam “divindades representadas pelas energias da natureza, forças que alimentam a vida na terra, agindo de forma intermediária entre Deuses e as pessoas, de quem recebeu a forma de culto e oferendas” (BENISTE, 2011, p. 592). Ao contrário da hagiografia católica, em que habitualmente o santo é virtuoso e, se teve defeitos, precisou renegá-los no ato do arrependimento, “a tradição oral e escrita do Candomblé enfatiza, como constitutivo do orixá, tudo aquilo que dele fez um herói, um deus, um poderoso

— não importa o quê”, pois o orixá tem muito do humano (PRANDI, 1991, p.141).

Segundo Eliade (1976, p. 18) vivenciar os mitos religiosos se diferencia das experiências cotidianas, o sobrenatural cria ligações entre as experiências religiosas e os fatos míticos, que podem muitas das vezes levar a uma experiência inusitada em acontecimentos fabulosos, exaltantes, significativos ao mundo transfigurado, podendo o indivíduo experimentar o momento mítico e real, ocorrendo de forma natural à transmutação de tempo, não o tempo e espaço cronológico do momento, mas os significados expressos do momento sagrado que ali transfigura ao pensamento manifestado do mito, reintegrando o indivíduo há um tempo espaço. Sinteticamente, os mitos revelam que o mundo, o homem e a vida têm uma origem histórica e sobrenatural, e que essa história é significativa, preciosa e exemplar.

As religiões de matrizes africanas possuem um grande corpus mitológico que fornece a elas fundamentação para a prática religiosa. Através do conhecimento mitológico, o adepto pode criar uma ligação entre as relações individuais e coletivas. Transitando pelos mitos, dos *itãs* dos *odús* (histórias dos caminhos), é que se chega ao conhecimento de si mesmo e do grupo ao qual o adepto pertence e participa. E por mais sociais e humanos que sejam os mitos africanos mantêm o ser humano também conectado à unidade da natureza (MACHADO, 2002, p. 122-123). Ainda, segundo Eliade:

De modo geral pode-se dizer que o mito, tal como é vivido pelas sociedades arcaicas, 1) constitui a História dos atos dos Entes Sobrenaturais; 2) que essa História é considerada absolutamente verdadeira (porque se refere a realidades) e sagrada (porque é a obra dos Entes Sobrenaturais); 3) que o mito se refere sempre a uma "criação", contando como algo veio à existência, ou como um padrão de comportamento, uma instituição, uma maneira de trabalhar foram estabelecidos; essa a razão pela qual os mitos constituem Os paradigmas de todos os atos humanos significativos; 4) que, conhecendo o mito, conhece-se a "origem" das coisas, chegando-se, conseqüentemente, a dominá-las e manipulá-las à vontade; não se trata de um conhecimento "exterior", "abstrato", mas de um conhecimento que é "vivido" ritualmente, seja narrando cerimonialmente o mito, seja efetuando o ritual ao qual ele serve de justificação; 5) que de uma maneira ou de outra, "vive-se" o mito, no sentido de que se é impregnado pelo poder sagrado e exaltante dos eventos rememorados ou reatualizados (ELIADE, 1972, p. 19).

De acordo com Prandi (2001, p. 21-25), a mitologia dos orixás encontra-se sob posse e conhecimento da “tradição”, concentrada na sabedoria dos Babalaôs, Babalorixás e Iyalorixás e até mesmo dos mais velhos. O conhecimento é transmitido essencialmente pela oralidade, mas também as “publicações etnográficas e religiosas” também servem de fonte para os adeptos (PRANDI, 1991, p.141). As próprias divindades, ao longo dos séculos, são também tomadas como um veículo importante e sagrado para se acessar ao conhecimento, uma vez que é possível a comunicação pelo oráculo, no caso o jogo de búzios e, em determinados contextos rituais, a comunicação direta. Os mitos e

ritos contemplam experiências dando vozes aos ancestrais, trazendo recordações e partilhando a identidade comunitária religiosa.

2. EM TORNO DO CONCEITO DAS “EMOÇÕES”

Segundo Gonsalves a palavra emoção tem sua origem no latim *movere* (mover). Incluindo o prefixo “e”, o seu significado se altera para “mover para fora, trazer à luz o que está dentro, demonstrar o que está em si (*ex-movere*)” (GONSALVES, 2015, p. 28). Etimologicamente a palavra carrega sentido de uma ação em estado emocional.

Para Maturana (2002, p. 22-23) conceituar emoções não é fácil, porém podemos trazer reflexões o quanto o homem dito como racional e o animal dito como irracional podem transmitir emoções na mesma concretude, pois quando falamos de emoções nos referimos a ações que são os diferentes domínios possíveis nas pessoas e animais, e as distintas disposições corporais que os constituem e realizam. Desta forma não há uma ação humana sem uma emoção que a estabeleça e a conclua como um ato. Para Goleman (1995, p. 20) as emoções se configuram como impulsos para lidar com a vida que a evolução nos infundiu. Que as emoções levam a ações – é mais óbvio observando-se animais ou crianças; só nos adultos “civilizados” encontramos tantas vezes a grande anomalia no reino animal: emoções – impulsos arraigados para agir – distanciados de uma reflexão racional. Ainda segundo Maturana (2002, p. 23) pensar emoções desse modo, baseia-se em um conjunto de interações recorrentes da emoção circunstancial e momentânea para o surgimento de uma forma de linguagem, caracterizando-se essa emoção fundadora e particular sem a qual esse modo na convivência não seria possível.

Segundo Davidoff (2001, p. 369) as emoções, também denominadas de afetos, são estados interiores caracterizados por pensamentos, sensações, reações fisiológicas e comportamento expressivo específico. Aparecem subitamente e são difíceis de controlar. De acordo com Gonçalves (2015, p. 36) a emoção desperta o sujeito de modo físico a algumas emoções que são bastante detectáveis ao observador, porém, as emoções não são exteriorizadas apenas pela materialização física em gestos, mas aparecem em uma linguagem não verbal, sendo variante a partir da cultura do sujeito e de aspectos universais. Se estamos com raiva podemos contrair o corpo, comprimir os lábios, dar às costas, e se estamos felizes expressamos mais com a boca, segundo Gazzaniga e Heatherton (2005, p. 315), as emoções são respostas imediatas a eventos ambientais, como ser cortado no trânsito ou receber um belo presente.

A emoção engloba-se em uma variação de sentidos e ações multidimensionais caracterizando significados diferentes, seguindo uma dimensão ainda, segundo Gonsalves (2015, p. 31), que é comum encontrarmos referências de que as emoções possuem três dimensões básicas:

A dimensão neurofisiológica corresponde a respostas involuntárias como taquardia, rubor, suor, secreção hormonal, respiração, pressão sanguínea, dentre outros. A dimensão comportamental diz respeito a expressões corporais como tom de voz, movimentos do corpo, ritmo, dentre outros. A dimensão cognitiva refere-se à vivência cognitiva que coincide com o que denominamos de sentimento, pois permite rotular a emoção em função do domínio da linguagem (GONSALVES, 2015, p. 32).

As emoções estão divididas em três grupos. Há o primeiro grupo, das emoções básicas, o segundo, das emoções secundárias e ainda um terceiro que engloba as emoções autoconscientes. A alegria, emoção escolhida para tratar neste trabalho, faz parte do conjunto das emoções básicas, também denominadas como emoções universais ou primárias (POSSEBON, 2017, p. 65-66). Buscaremos, a seguir, pensar esta emoção a partir do Orixá Ìgbejì.

3. ORIXÁ ÌGBEJÌ X ERÊ E A EMOÇÃO DA ALEGRIA

De acordo com Verger, os gêmeos (*Ìbejì*, *Ìgbéjì* ou *Ibeji*) são um objeto de culto entre o povo nagô-iorubá. Não se configuram nem como orixá nem como Vodun, mas “o lado extraordinário desses duplos nascimentos é uma prova viva do princípio da dualidade e confirma que existe neles uma parcela sobrenatural, a qual recai, em parte, na criança que vem ao mundo depois deles” (VERGER, 2012, p. 569). No Brasil, sincretizado com São Cosme e Damião, como se ouve dos adeptos no trabalho de campo, *Ibeji* passa a ser visto como uma divindade gêmea da vida, como protetor dos gêmeos, o orixá criança, na verdade, duas divindades gêmeas infantis, ligadas a todos os orixás e seres humanos, a brincadeira, a alegria. Os Candomblés de tradição nagôs-iorubá transmitem em seus mitos um *itãn*, que pode ser visto recolhido na obra de Verger (2012, p.570), em que o nome *Taiwo* foi dado ao primeiro gêmeo gerado e o de *Kainde* ao último, pois os nagôs-iorubas acreditam que era *Kainde* quem mandava *Taiwo* supervisionar o mundo donde surge à hipótese ser aquele o irmão mais velho.

O dia de *Ibeji* é festejado, habitualmente, pela maioria das casas, no mesmo dia ou ao menos no mês de São Cosme e Damião, que no calendário católico é 26 de setembro. As festas em comemoração ao orixá, as famosas “ibejadas”, são momentos de muita alegria e descontração nos terreiros. A ornamentação das casas de axé traz

elementos que remetem ao universo infantil. Entende-se que orixá *Ìgbéjì* desperta as emoções infantis que temos dentro de nós, as recordações, momentos felizes, tudo aquilo de bom que nos aconteceu na nossa infância, é regido, gerado e administrado por ele. “Não podemos confundir os *Ìgbéjis* com os *Erês*, pois fica evidente que não se tratam das mesmas entidades embora tenham uma relação com alegria e a dualidade.

Faz-se importante distinguir *Ibeji* de *Erês*. *Erê*, segundo Nei Lopes, é um nome genérico que se dá aos “espíritos” que se manifestam como crianças. Todo iniciado, além de seu orixá possui um *erê* (LOPES, 2011, p.261). Na verdade, *Erê* é a inconsciência do novo *omon-orixá* responsável por muitos ritos passados durante o período de reclusão. Segundo Verger “o *Erê* é um tipo de entidade infantil que acompanha o dono da cabeça, o orixá é aquele que chega com uma bagagem, em iorubá (*erê asere inu eru de*)” (VERGER, 1969, p. 53). Conforme se diz no cotidiano do povo de orixá, o *Erê* faz uma ponte entre o indivíduo iniciado no candomblé e seu orixá, sendo assim o aflorar da criança que cada um tem dentro de si. Ou seja, reside no ponto exato entre a consciência da pessoa e a inconsciência do orixá.

Bárbara (2002, p. 111) ressalta que o *Erê* tem atitudes e comportamentos infantis, refletindo uma imagem de um orixá infantil, manifestando-se com olhos abertos, falando um idioma entendido por todos. Porém traz uma influência da consciência cognitiva das emoções humanas e comportamentos humanizados, trazendo características específicas do orixá ao qual corresponde e da matéria, ou seja, corpo no qual está manifestado o *Erê*. Assim, além do transe do orixá, há o que se denomina como “estado de *Erê*”, descrito na literatura antropológica como um estado de “semi transe” e narrado pelos adeptos como um transe mais “leve”.

Quando os *Erês* chegam aos terreiros trazem consigo um conjunto de “constelações emocionais”, que segundo Possebom seria a movência da emoção principal que pode despertar inclusive outras emoções. Assim, à emoção da alegria, que podemos tomar como a marca tanto dos *Erês* quanto dos *Ibejis*, se constelam o entusiasmo, a euforia, o contentamento, a diversão, a satisfação (POSSEBOM, 2017, p. 76), ou seja, tudo que se pode ver nas casas de candomblés quando tais divindades são incorporadas. Dessa forma, se pensarmos a emoção da alegria em sua função adaptativa, ela proporciona uma “capacidade para desfrutar de diferentes aspectos da vida, gera atitudes positivas para si mesmo e para os demais, favorecendo o surgimento do altruísmo e da empatia” e que ainda pode estabelecer “a união de pessoas, favorecendo as relações interpessoais” e os processos cognitivos, podemos

entender que os *Ibejis* são de importância fundamental nas casas de axé (POSSEBOM, 2017, p. 50).

4. O ARQUÉTIPO DO ORIXÁ ÌGBEJÍ E A PERSONALIDADE HUMANA

As relações entre os arquétipos dos orixás e os traços de personalidade humana, explicam o quanto as emoções podem influenciar o indivíduo. Apesar disso, ele influencia também o comportamento das pessoas. O caráter particular e diferenciado de cada indivíduo é resultante de uma combinação e do equilíbrio que se estabelecem entre esses elementos (VERGER, 1988 p. 20).

Para Verger (1998, p. 21), não se deve ser tão rígido com os arquétipos dos orixás e a personalidade de seus filhos, pois existem muitas nuances que influenciam a construção da pessoa, tendo em vista que para cada qualidade de orixá pode existir uma cor, uma situação concreta ou não concreta:

[...] Oxum, por exemplo, pode ser guerreira, coquete ou maternal, dependendo do nome que leva. Como veremos, diz-se que há doze Xangôs, sete Oguns, sete Yemanjás, dezesseis Oxalás (na África eles seriam cento e cinquenta e quatro), tendo cada um suas características particulares. Eles são, segundo os casos, jovens ou velhos, amáveis ou ranzinzas, pacíficos ou guerreiros, benevolentes ou não. No Brasil, além do mais, cada indivíduo possui dois orixás. Um deles é mais aparente, aquele que pode provocar crises de possessão, o outro é mais discreto e é assentado, fixado, acalmado (VERGER, 1988 p. 20-21).

De acordo com Bastos (2016) as pessoas que tem como deidade o orixá *Ìgbéjì*, trazem um estereótipo infantil, jovial, alegre e jamais deixam de aflorar a criança que existe dentro dela, pois não se preocupam com um “conceito social”. Apresentam na maioria das vezes aspectos imaturos correlacionados a emoção da alegria, de modo que o filho de santo pode apresentar outras emoções como as “primárias, secundárias e autoconscientes” (POSSEBON, 2017, p.76). Segundo Bastos (2016), podemos encontrar variações emocionais em torno do princípio da dualidade, no qual os filhos de *Ìgbéjì* trazem uma confusão baseada na imaturidade infantil, apresentando um temperamento emocional inconstante como uma criança.

Numa perspectiva arquetípica dos orixás, considerando a influência que podem exercer na personalidade de seus “filhos”, sempre se fará necessário, num processo de educação emocional, particularmente pensando o conceito de “regulação emocional” e a proposta de uma “vivência emocional libertadora” (Cf. POSSEBON, 2015; 2017), que tal filiação seja levada em conta, ou seja, nos espaços dos terreiros, não se pode desconsiderar tal

dimensão uma vez que há uma noção diferenciada de pessoa, do que é o ser nesse universo religioso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trajeto que percorremos, através de uma compreensão desde as emoções, do arquétipo e do ser individual que faz parte da divindade, percebemos que os traços da personalidade humana estão intrínsecos ao arquétipo do orixá *Ìgbéjì*. Sendo destacada a alegria, a emoção predominante tanto da deidade quanto do próprio ser humano no qual é possibilitada o entendimento da semelhança e que não pode dissociar um do outro, mesmo havendo interferências da base educacional, familiar e social, não é possível fugir dos traços da personalidade do arquétipo do orixá *Ìgbéjì*.

A emoção é algo complexo de sentir e definir, pois está interligada a varias outras situações e circunstâncias que podem potencializar de forma positiva ou negativa, mas tudo dependerá dos conceitos sociais aos quais ela estará sendo recepcionada. A educação emocional pode ajudar no fortalecimento humano-energético do ser e da divindade, desde que o indivíduo tenha o entendimento de suas emoções, a fim de explorá-la em sua plenitude. “Do orixá carregamos muito de suas virtudes, muito de seus defeitos, muito de sua personalidade mítica. Todo escrito sobre candomblé faz alguma referência a isso, o que se chamou de arquétipo, ou, mais precisamente, estereótipo” (PRANDI, 1991 p.132).

Desta forma o orixá *Ìgbéjì* e seu arquétipo se resume em uma emoção, a da “alegria”, transmutando um significado ao seu filho de gerar a felicidade e de sempre ser uma criança, “pois sempre seja *Ìgbéjì*, pois seja alegre e seja feliz!” (OBARANIAN, 2013).

REFERÊNCIAS

BARBARA, Rosamaria Susanna. **A dança das Aiabás: Dança, corpo, e cotidiano das mulheres de candomblé**. 2002. 201 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2002.

BASTOS, Lucas. **Ibeji: as crianças no candomblé**. 2016. Disponível em: <<http://nossoamanha.ig.com.br/orixas-buzios/2016-10-04/ibeji-orixa-candoble.html>>. Acesso em: 14 out. 2017.

BENISTE, José. **Dicionário Yorubá Português**. Editora Bertrand Brasil – 2011.

_____. **Òrun-Àiyé: o encontro de dois mundos: o sistema de relacionamento nagô-yorubá entre o céu e a Terra**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010.

DAVIDOFF. L. L. **Introdução a Psicologia**. 3a Ed. Itaim-Bibi: Makron Books. 2001.

- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1972.
- GAZZANIGA, M. S., HEATHERTON, T. F. **Ciência Psicológica: mente, cérebro e comportamento**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. 20. ed. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 1995.
- GONÇALVES, C. H. **A terapia cognitiva e a teoria cognitiva da emoção de Lazarus**. Juiz de Fora: UFJF, 2014.
- GONSALVES, Elisa Pereira. **Educação e emoções**. Campinas, SP: Editora alínea, 2015.
- LOPES, Nei. **Novo Dicionário Banto do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.
- _____. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- MACHADO, Vanda; PETROVICH, Carlos R. **Ilê Ifé, o sonho do iaô Afonjá: mitos afro-brasileiros**. Salvador: Edufba, 2002.
- MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução: José Fernando Campos Fortes. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- NASCIMENTO, Alessandra Amaral Soares. **Candomblé e Umbanda: Práticas religiosas da identidade negra no Brasil**. RBSE, 9 (27): 923 a 944. ISSN 1676-8965, dezembro de 2010. Disponível em: < <http://www.cchla.ufpb.br/grem/AlessandraArt.pdf> >. Acesso em 14-10-2017.
- OBARANIAN, oloje iku ike. **Orixás**. 2013. Disponível em: < <http://olojeikuikeobarainan.blogspot.com.br/2013/11/1-orixas-na-mitologia-yoruba-olorun-e-o.html> >. Acesso em: 14 out. 2017.
- POSSEBON, Elisa Gonsalves. **O universo das emoções: uma introdução**. João Pessoa: Libellus, 2017.
- PRANDI, Reginaldo. **Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova**. São Paulo : HUCITEC : Editora da Universidade de São Paulo, 1991.
- _____. **Referências sociais das religiões afro-brasileiras**. Rio de Janeiro, Pallas – Ceao, 1999.
- ROUGET, Gilbert, **Musica e transe**. Turin, Einaudi, 1986.
- SEGATO, Rita Laura. **Santos e Daimones: o politeísmo afro-brasileiro e a tradição arquetipal**. Brasília: Editora da UNB, 1995.
- VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás: deuses iorubas na África e no Novo Mundo**. São Paulo: Corrupio/Círculo do Livro, 1981.
- _____. **O estado de erê: papel desempenhado pelo o estado de alheimento durante a iniciação de iyawôs nos cultos de orisha e vodun**. Anais da segunda reunião de antropologia, Bahia, 1955. Salvador, sociedades artes gráficas, 1957.
- _____. **Notas sobre o culto aos Orixás e Voduns na Bahia de todos os santos, no Brasil e na Antiga Costa dos Escravos, na África**. São Paulo: Editora da USP, 2012.
- ZACHARIAS, José Jorge de Moraes. **Ori Axé: a dimensão arquetípica dos orixás**. São Paulo: Vetor Editora, 1998.